

A ESCRITA DA CIDADE BRUTAL THE BRUTAL CITY WRITING

Adrielle Leite Silva¹
Liliane Vasconcelos²

RESUMO

Este ensaio busca analisar a escritura da cidade contemporânea através da literatura brasileira representada na obra **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos** de Ana Paula Maia publicado em 2009. A cidade é considerada espaço de convívio entre os indivíduos e quando ela é configurada a partir dos desmontes sociais, onde a ordem urbana é esquecida em função dos seus habitantes, dispomos então de uma urbe que consegue se moldar ao comportamento de seus habitantes e ao se consubstanciar em espaço de crueldade e a desumanidade. É a partir dessa perspectiva que se constitui uma leitura da cidade brutal na narrativa da escritora, uma cidade localizada no subúrbio de uma cidade quente e subdividida entre tensões brutais do cotidiano. Diante desse contexto, apoiamos-nos numa abordagem multidisciplinar que colaboram para apreensão da cidade brutal.

Palavras-chave: Cidade; Contemporaneidade; Literatura

ABSTRACT

This essay seeks to analyze the writing of the contemporary city through the Brazilian literature represented in the book *Entre rinhas de cuborros and hogs slaughtered* by Ana Paula Maia published in 2009. The city is considered space of conviviality between individuals and when it is configured from the clearing social, where the urban order is forgotten as a function of its inhabitants, we have a city that is able to shape itself to the behavior of its inhabitants and to consolidate itself in space of cruelty and inhumanity. It is from this perspective that it constitutes a reading of the brutal city in the narrative of the writer, a city located in the suburb of a hot city and subdivided between brutal tensions of the quotidian. Given this context, we rely on a multidisciplinary approach that collaborates to apprehend the brutal city.

Keywords: City; Contemporaneidade; Literature

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea vem rompendo muitos paradigmas no que se refere aos espaços destinados às minorias. É perceptível que outras formas de narrar dão voz e vez aos sujeitos que por questão de classe, etnia ou gênero não foram tão contemplados pelos textos consagrados pela crítica literária.

Atualmente o que observamos é explosão de narrativas literárias que ganham espaço diante da urgência de se falar das minorias destoando visões utópicas como já foi vista no passado. Antes de mais nada é de extrema importância falar sobre os sentimentos que permeiam os escritores contemporâneos. Segundo

¹ Graduada em Letras- Português pela Universidade Católica do Salvador, E-mail: drixleite@gmail.com

² Profa.Dra. Liliane Vasconcelos, (PPGPTDS/ UCSAL). E-mail: lilianelilivj@gmail.com

Agamben(2008, pág.58), “o contemporâneo é intempestivo” ou seja o que está desconexo ao tempo, há um incômodo . Nesse sentido Schollhammer (2011, p.10) acrescenta que: “o escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência de se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la”. Esse escritor é motivado por algo que urge, que grita, e é essa necessidade que o estimula, com uma escrita que chega e escancara todas as experiências de sujeitos que durante muito tempo foram silenciados pelo sistema político-econômico. Dentro dessa literatura escancarada e dissonante, a mensagem a ser passada não é enfeitada pelo jogo lírico das palavras. Uma importante característica dessa produção é a maneira que os acontecimentos são transcritos.

Regina Delcastagnè (2012), apresenta-nos o cenário em que a literatura brasileira contemporânea está inserida, onde é possível perceber que é um espaço homogêneo, e a chegada dessas novas produções geram um desconforto. Mesmo estando na era da multiplicidade, como nomeou Beatriz Resende (2008), essas novas formas de divulgação não é garantido a valorização de maneira igualitária para essas obras, como os legitimados são. A literatura tem possibilitado esse “novo lugar”, dar voz e vez a essas realidades. Trazendo as questões que Agamben levanta usando com sentido conotativo “ a ruptura da vértebra”. É nesse espaço considerado incomum que todo escritor contemporâneo pertence.

Só quem vive nos confins do subúrbio abafado e sufocado, longe das praias, de ares úmidos, comendo poeira, economizando água sob quase 40 graus diariamente, pisando em asfaltos fumegantes. (MAIA, 2009, p. 61, 62).

Em sua obra **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos**, Ana Paula Maia, traz à tona uma cidade localizada no subúrbio onde iremos nos deparar com homens considerados brutamontes. Esse espaço reflete a existência ordinária de personagens, trazendo uma cidade que foge dos parâmetros de lugar ideal para a sobrevivência, afinal de contas, a esses homens restou-lhes apenas a isto. O espaço retratado na obra dialoga com o enrijecimento de sujeitos que vivem na exígua miséria, entretanto, Ana Paula consegue arrebatá-los com lirismo, a alteridade no leitor. O lado mais humano desses “brutos” que estão submergidos em um cotidiano de indigência, penúria e brutalidade.

A escritora quando questionada em uma entrevista, ao Jornal Rascunha em 2011, sobre a forma com que descreve a cidade e as pessoas que transitam nela afirma que:

Eu não quero saber. Não estou interessada nisso, em bandido, em pivete. Estou interessada em uma outra violência, que é muito pior porque é gerada por trabalhos e profissões que as pessoas precisam ter. Alguém tem que recolher o lixo, abrir o asfalto, desentupir o esgoto. O cara tem que meter a mão ali no esgoto, sentir o cheiro, desentupir. Alguém tem de fazer o trabalho sujo. Trabalho nessa dimensão de violência, de brutalidade. Passo muito longe da questão do bizarro.

É evidente que a construção do espaço feito por Ana Paula Maia diverge de um ambiente pertinente à sobrevivência de qualquer ser humano. Pois, as pessoas estão fadadas a sobreviver nesse ambiente que qualquer um evitaria, no entanto, elas vivem e sobrevivem em um lugar subtraído de todos os direitos são subtraídos. Onde, de acordo com o processo de hierarquização, é o espaço destinado aos sujeitos que se encontram à margem da sociedade.

É evidente que são características do momento que a cultura vive hoje, em termos de organização do mundo, que fazem com que elementos como o sentido de urgência, com predomínio do olhar sobre o presente, e a familiarização com o trágico cotidiano atravessem múltiplas obras (RESENDE, 2008,p.30)

A tragicidade ganha uma grande proporção na contemporaneidade trazendo a cidade inquieta e arbitrária é "o sentimento do trágico da existência aquilo de que temos dificuldade de falar e como tal sentimento conforma as identidades que dominam a narrativa" (RESENDE, 2008,p.30). Esse retorno, coloca em evidência o desinteresse do escritor contemporâneo sobre o reconhecimento de suas obras e do que já foi vivido. Essa necessidade de se falar sobre enfrentar o presente e escancarar as múltiplas vivências dos sujeitos postos à margem. Para Resende, a importância incide, especialmente, na conjuntura presente "apresentados na urgência que acompanha a convivência com o intolerável" (RESENDE. 2008. p. 28).

Em dias tão ensolarados, com o ar estagnado e o cheiro de esgoto e tripas entalados no seu nariz, existe a sensação de que isso nunca acabará. Você se sente condenado num lugar desses, numa situação dessas. O mau cheiro e o calor freiam os movimentos e dificultam o raciocínio. Tudo o que se espera é pela noite. Com menos fedor e uma brisa vez ou outra. (MAIA, 2009, p.77)

O trabalho de Ana Paula Maia é pautado na violência que reside em profissões onde se exige impetuosidade. Pautando a violência dessa cidade subalterna, e o deslocamento da cidade destinada aos indivíduos que estão à margem para os espaços privados - dos personagens da segunda novela *O trabalho sujo dos outros* que compõe a obra de Ana Paula.

A pobreza e a exclusão social representadas nas duas novelas que compõem o livro de Maia, é trazida como um pequeno lugar onde a miséria é modificada em cenário. Ser brutamontes é tornar-se rude, indelicado, impolido e mal-educado. Os homens brutamontes retratados representam os indivíduos que pertencem à margem do que seria o centro social. Um grupo de homens que são representados através dos fragmentos da conjuntura social, dentro da narrativa, que não conseguem mudar a realidade que vivem.

Esses personagens já não possuem mais esperança, nem medo; tornaram-se invisíveis para sociedade, sem perspectiva de explorar o todo do espaço que fazem parte.

Segundo Certeau (1994) [1990] não seria possível ler e escrever a cidade através dos seus cidadãos, no entanto, não seria possível fazer um retrato desse espaço sem utilizar as pessoas que fazem parte dela, ou seja, as pessoas que transitam nesses ambientes.

Doreen Massey propõe que "o lugar, idealmente concebido como sistema fechado de uma comunidade essencializada, deixa de ser um local de coerência para significar ponto de encontro de diversas temporalidades". (MASSEY, 2008,p.111). Portanto todo e qualquer espaço é definido na relação entre sujeito e espaço. Ao refletir o espaço é necessário analisar sua condição e onde está localizada.

A primeira novela "Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos" é possível encontrar o desenho de uma cidade simples, onde seus habitantes, vivem a escória de toda a sociedade. Encontramos Edgar Wilson e Gerson que trabalham matando porcos e se divertem nas rinhas de cachorros que acontecem semanalmente na cidade.

Na segunda novela "O trabalho sujo dos outros" iremos nos deparar com Erasmo Wagner, catador de lixo:

a imundice, o podre, o azedo e o estragado. O que não presta pra mais ninguém. E serve apenas para os urubus, ratos, cães e pra

gente como ele. Costuma trabalhar no caminhão de lixo parte do dia, com escalas alternadas no turno da noite. Conhece o conteúdo de alguns sacos só pelo cheiro, formato e peso. Já teve tétano. Já teve tuberculose. Já foi mordido por rato e bicado por urubu. Conhece a peste, o espanto e o terror; por isso é ideal para a profissão que exerce. (MAIA, 2009, p. 91)

Alandelon, operador de britadeira; e Edivardes, que trabalha desentupindo de esgoto. Três homens que exercem profissões que muitos não escolheriam exercer. Esses cinco homens considerados sujeitos subalternos, que vive nos subúrbios das grandes cidades exercendo profissões consideradas “desprezíveis”, porém é do exercício deles que advém a ordem e o funcionamento da cidade.

Partindo da perspectiva de Certeau e Massey, entendemos que todo e qualquer espaço espelha suas hierarquias, dessa forma, ao analisarmos esses espaços criado nas novelas de Ana Paula Maia, percebemos que o desenvolvimento da cidade está ligada a sua organização política, econômica e social, como também a vivência desses corpos na cidade.

O cheiro pela cidade é insuportável. O calor intensifica o aroma azedo. Pessoas e ratos dividem o mesmo espaço à luz do dia. Eles, os ratos, caminham livres e não se importam com a claridade do sol. (MAIA, 2009, p.144)

É através da construção de cidade dicotômica que Maia que constrói a localização do espaço urbano e também molda o caráter desses personagens que não possuem expectativa e se conformam com a rotina traçada para eles, onde a cada dia que passa se aproximam mais da morte. A imagem da cidade trazida por Maia, passeia sobre a imundície e esquecimento levantando um questionamento sobre a configuração social existente. A hostilidade entre o subalterno e o privilegiado. As dicotomias entre zona norte e zona sul, entre rico e pobre, alavanca os mecanismos de marginalização. Na obra analisada, podemos perceber como os sujeitos se comportam diante as situações. Eles agem segundo seus interesses, sem levar em consideração o seu semelhante, durante a leitura do livro, podemos cogitar a possibilidade de que esses homens retratados por Maia, não possuem coração, no entanto, eles provam a maneira deles, de que ser um brutamente não é ser sinônimo de falta de empatia.

Gerson olha para o que tem no final da corda e, bastante consternado, concorda com o amigo, a ideia de fazer os porcos caminharem o que faltava foi de dele e Edgar em nenhum momento discordou. Pelos amigos se fazem sacrifícios, a gente não mede, ele pensa, a gente tem que segurar porcos pelo rabo se for preciso, separar cães em rinhas, mas pelos amigos valem os sacrifícios. (Maia, 2009, p.45)

A imundície retratada pela autora possui duas perspectivas: a sujeira que todos conseguem ver com os amontoados de lixo, mas que metaforicamente pode ser transfigurada no processo de hierarquização social, posicionamento político e comportamental desses sujeitos. Uma outra questão trazida por Maia diz respeito ao esquecimento social pelo qual as minorias sempre sofreram em detrimento de um sistema econômico desigual. Onde muitos dos que nada tem foram postos e renegados. Vivendo sempre no escuro e/ou a margem dos (poucos) quem muito tem.

Sua vida não é um lixo. Sua vida é muito lixo. Seu olfato está impregnado com o aroma do podre. Seu cheiro é azedo; suas unhas, imundas; e sua barba crespa e falhada é suja. Ninguém gosta muito de Erasmo Wagner. (...) Prefere os urubus, os ratos e a imundície. (MAIA, 2009, p. 92).

Ana Paula consegue extrair das mazelas vividas e brutalidades praticadas por esses homens, a alteridade que tanto se discute atualmente. Um dos princípios básicos do conceito de alteridade diz respeito às relações de interação e dependência do outro. A alteridade condiciona um indivíduo a se colocar no lugar do seu semelhante.

Essa é minha noiva, Shirlei Márcia. Sei que é estranho, mas antes de pedir a mão dela em casamento eu preciso me certificar...certificar mesmo de que ela me ama. Ela tem cinco mil reais numa conta. É todo o seu dinheiro...se ela pagar o meu resgate com esse dinheiro que juntou durante anos, aí sim vou saber que ela merece meu amor. (MAIA,2009,p.59)

Como Edgar Wilson passou por uma situação bem próxima daquele rapaz, e também da necessidade da quantia proposta pelo para o fingimento do sequestro, juntamente com seu amigo Gerson, aceita fazer parte dessa prova de amor. Registrando mais uma vez dentro da narrativa que homens que foram treinados para serem cruéis também possuem suas fragilidades.

Apesar de se tornarem indivíduos sujeitados, esses homens, independentemente da profissão que exercem, ou da forma com que encaram a vida, conseguem chamar atenção pois mesmo enrijecidos pela vida, e transparecem frieza dos seus sentimentos, ao passo que o seu cotidiano transcorre, mesmo que de forma inconsciente esses homens mostram como a afetividade e suas expressões fazem parte da subjetividade humana.

Ao percorrer a narrativa de Ana Paula Maia, também é possível perceber a construção da alteridade levada até às últimas consequências, os personagens são

vistos como animais, que diante do cotidiano sujo e grotesco são assemelhados a porcos ou cães de rinha, que precisam estar constantemente em espaços de sujeira ou constantemente atacando.

Cão de rinha é um cão que não teve escolha. Ele aprendeu desde pequeno o que o seu dono ensinou. Podem ser reconhecidos pelas orelhas curtas ou amputadas e pelas cicatrizes, pontos e lacerações. Não tiveram escolhas. Exatamente como Edgar Wilson, que foi adestrado desde muito pequeno, matando coelhos e rãs. Que carrega algumas cicatrizes pelos braços, pescoço e peito. São tantos riscos e suturas na pele que não se lembra onde conseguiu a metade. (MAIA, 2009, p.69)

Edgar considera-se um homem cão de rinha, pois, no meio em que nasceu, foi criado e está destinado a passar o resto dos seus dias sendo desafiado a atacar para se defender e manter-se vivo para o próximo desafio. Dois homens- bestas que trabalham matando porcos, e levam uma vida semelhante a dos animais. Vivem na sujeira, excluídos, e não conseguem olhar para cima, sendo uma metáfora para a falta de esperança e sonhos desses homens.

Segundo Regina Descastagnè (2012, p.14) "As cidades, então, são territórios de aglutinação, de encontro de pessoas de diferentes procedências e de segregação". A cidade é o retrato humano, espaço de encontro e vida em comum. É também considerada uma representação da heterogeneidade humana. Onde um grupo de pessoas que não se identificam costumam a se relacionar mesmo que de forma indireta. E a partir dessa segunda perspectiva de cidade; espaço de divergências que são criados cenários onde existem múltiplas possibilidades.

A literatura brasileira contemporânea utiliza-se do espaço diverso e de grande variedade para construir narrativas que vai para além da necessidade de um cenário para projetar uma trama, tornando a cidade não só uma representação, como também, personagem. E a partir desse fator, a cidade contemporânea além de tema, se transfigura em um problema, porque analisá-la não se trata apenas de fazer um levantamento de localidades, mas sim, fazer um alerta do seu estado procurando discutir as angústias criadas através do convívio conflituoso. Onde as regras que garantem sua sobrevivência foram esquecidas, tornando inviável levantar teorias, ou apenas uma visão panorâmica.

Tomando a cidade como local de produção literária contemporânea, levando em consideração que ela não é análoga, mas segmentada e acima de tudo, ordenada.

Onde é estabelecido quais indivíduos preenchem determinados lugares. É na gênese dessas hierarquias que as questões de classes, raça, sexo se encontram.

É sobretudo importante analisar como a produção contemporânea se comporta diante dessas questões. As contrariedades trazidas em razão da sistematização do espaço pode ser lida apenas como aspecto naturalizado, ou serem contestadas, para explicar o pressuposto da opressão vivenciado no espaço e exteriorizar as dicotomias de poder.

Para investigar a associação estabelecida entre o espaço e as pessoas que transitam nele, é indispensável captar as subjetividades dessas narrativas, ao passo que, reconhecer a cidade como representação brutal permite perceber que os personagens e suas experiências cotidianas refletem o caos do viver nas cidades atuais.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009, p.57-73

DELCASTAGNÈ, Regina. Pluralidade e escrita. In: **Literatura Brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996, p. 9-48.

DELCASTAGNÈ, Regina. **Espaços possíveis na Literatura Brasileira Contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DE carne e osso. Disponível em:

<<http://revistatrip.uol.com.br/trip/de-carne-e-osso>> Acesso em 08 de jun.2017

KILLING travis. Disponível em: <<http://killing-travis.blogspot.com.br/>> Acesso em 08 de jun. 2017.

MAIA, Ana Paula. **Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos: duas novelas**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2009.

Racunha. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/ana-paula-maia/>> Acesso em 15 de mar. 2018.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: _____. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008, p. 15-40.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Que significa literatura Contemporânea. In: **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009, p. 9-19.